

Como cresceu com as tentativas de reduzir o próprio Hipólito ao silêncio, por intervenção do governo inglês, por expulsão da Inglaterra ou por processo. Foi preciso empregar um antídoto semelhante ao veneno: a fundação de periódico em Londres, destinado a neutralizar o *Correio Brasiliense*.

Em 1811, dois médicos portugueses, Vicente Pedro Nolasco da Cunha e Bernardo José de Abrantes e Castro, lançavam em Londres, a mando da representação lusa e sob proteção do príncipe regente, *O Investigador Português*, que começou a circular em julho, recebendo aqueles redatores uma pensão para mantê-lo. Esse jornal não teria direito algum de ser considerado na história da imprensa brasileira — como é duvidoso que o tenha tido o *Correio Brasiliense*, conforme vimos — se a sua circulação não visasse particularmente o Brasil e o seu exemplo não fosse, como foi, claramente característico da imprensa áulica, a única que a fase joanina nos permitiu, e isso tem interesse indubitável para aquela história.

Porque, em junho daquele mesmo ano de 1811, o conde das Galveias expedia aos governadores da Bahia, Pernambuco, Rio Grande do Sul, São Paulo, Minas Gerais, Maranhão e Pará a seguinte elucidativa circular: “Sendo o jornal denominado *O Investigador Português* em Londres recebido debaixo dos auspícios de S. A. R. o Príncipe Regente Nosso Senhor e convindo muito promover a sua leitura nestes Estados, a fim de confirmar nos ânimos portugueses os sentimentos de lealdade e patriotismo, de que têm dado sempre as mais conspícuas provas, e preveni-los contra sinistras insinuações que se possam tentar fazer acreditar, é portanto S. A. R. servido mandar recomendar particularmente a V. Exa. haja de promover nessa capitania o maior número possível de subscritores para o mesmo jornal, procurando indiretamente insinuar e persuadir a sua utilidade sem parecer que o faz por positivas ordens que para isso teve”. Documento delicioso, como se vê.

D. Domingos de Sousa Coutinho, conde de Funchal e irmão do conde de Linhares, orientava diretamente o jornal, como embaixador português na Inglaterra, regulando mesmo a substituição de redatores pois, em 1814, retirando-se Abrantes de Londres, fê-lo substituir por Miguel Caetano de Castro, também médico e há pouco formado em Edimburgo. Abrantes fizera outra escolha, entretanto, a de Liberato Freire de Carvalho, que seria o principal redator do jornal de 1814 a 1819, auxiliado por Nolasco e Castro. Substituído, em 1819, na embaixada, D. Domingos de Sousa Coutinho por Cipriano Ribeiro Freire, que não orientou de perto o órgão português, Liberato tomou-se de idéias próprias, de tal sorte que o conde de Palmela, que o substituiu depois, queixou-se a Lisboa, afirmando que era necessário ter na Inglaterra “um jornal inteiramente ministerial por